

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ
PRÓ-REITORIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
Curso de Especialização em Educação Especial

A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
(Libras) PELA FAMÍLIA DO SURDO

Maria Fausta Lima Barbosa

FORTALEZA - CEARÁ
2004

Maria Fausta Lima Barbosa

A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (Libras) PELA FAMÍLIA DO SURDO

Monografia apresentada à Universidade Estadual Vale do
Acaráú como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Educação Especial.

Orientador: Prof.....,
Mestre

Fortaleza - Ceará
2004

Monografia apresentada à Universidade Estadual Vale do Acaraú como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Especial.

Maria Fausta Lima Barbosa

Monografia aprovada em: _____ / _____ / _____

Prof. Mestre.....
Orientador

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

3º Examinador: _____

Prof.....
Coordenador do Curso

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso pai e criador, que ilumina todos os meus caminhos para que eu atinja o meu ideal , que me protege em todos os momentos da minha vida e me dá forças para superar os momentos de aflição e angústia.

À minha mãe Maria Valdinar Lima (em memória), e a minha avó materna Julieta Alves Lima (em memória), que com amor e afincos lutaram pela minha sobrevivência.

A minha irmã Maria de Fátima Lima de Moraes e a meu cunhado José Cláudio Albuquerque de Moraes, a quem devo meu sucesso.

Ao meu marido, Marcelo Rocha Barbosa, por seu amor, apoio e dedicação.

À Zélia Peixoto Soares, amiga em todos os momentos.

À professora orientadora Maria Stela Oliveira Costa, por seus ensinamentos, dedicação e compromisso.

Às mães, surdos, amigos e profissionais que de forma direta ou indireta, colaboraram na execução da pesquisa, tornando possível a efetivação deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho refere-se a um estudo, realizado em uma Escola Pública Estadual para surdos localizada na cidade de Fortaleza. Fez-se uma reflexão sobre a comunicação na família em que a surdez está inserida, enfocando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e sua influência para o fortalecimento do diálogo, principalmente entre ouvintes e surdos. Foram examinados os seguintes tópicos: o histórico da comunidade surda, a Libras e sua aquisição pela família. A metodologia empregada constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica, seguida de pesquisa de campo. Buscou-se para fundamentar esta pesquisa, vários autores, dentre eles, Fonseca (2002), Lacerda (1996), Maldonado (1991), Bernardino (2000) e outros. Observou-se que há uma grande dificuldade na comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos, isso ocorre porque ambos se comunicam em línguas diferentes, dificultando assim a autenticidade e sustentabilidade do diálogo no contexto familiar. Portanto, faz-se necessário uma tomada de consciência por parte dos profissionais da Educação Especial e da família em busca de soluções para superar tal distorção.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Capítulo I - Conhecendo a Comunidade surda e a Língua Brasileira de Sinais (Libras).....	09
1.1. Síntese histórica sobre a Comunidade Surda.....	09
1.2 A Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a aquisição desta pela família.....	16
1.3. As Metodologias utilizadas para educar surdos.....	26
1.4. Da ansiedade da confirmação do diagnóstico à aceitação.....	31
Capítulo II - Conhecendo o Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES) e a aquisição da Libras.....	38
2.1. Conhecendo a escola pesquisada.....	39
2.2. A aquisição da Libras pela família do surdo.....	46
2.3. Analisando os resultados da aquisição da Libras pela família do surdo.....	48
Conclusões/Sugestões.....	50
Bibliografia Consultada	53
Anexos	58

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, teremos como objetivo estudar a aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela família do Surdo, considerada fundamental para a efetivação do diálogo entre ambos.

Na sociedade dos tempos contemporâneos o diálogo na família constitui-se um desafio ao seu pleno desenvolvimento. Mesmo em se tratando de uma família considerada “padrão”, verifica-se uma crise instituída decorrente das mais diversas formas de agressões advindas do mundo exterior ao seu seio. O que se considera aqui como família padrão seria aquela composta por filhos considerados “normais” pela sociedade. O diálogo passa a ser então o alicerce fundamental para o fortalecimento da confiança e harmonia nas relações familiares.

Diante disso, surge o seguinte questionamento: e a família em que a surdez está inserida entre um ou mais filhos, como se daria o desafio do diálogo? Tal problemática agora se mostra mais complexa e com mais um obstáculo: o grau de maturidade da família para lidar com esse desequilíbrio, já que se comunicam através de uma rudimentar representação simbólica ou gestual, suficiente apenas para garantir o mínimo de entendimento entre as partes.

O motivo da investida nesta pesquisa será o trabalho com mães ouvintes de filhos surdos, quando será observado a dificuldade de comunicação entre eles. Muitas mães desconhecem o mínimo de diálogo necessário para interação surdo-família pois até mesmo a saudação do “bom dia” em Libras é ignorada.

Esta pesquisa será realizada no Instituto Cearense de Educação de Surdos, localizado em Fortaleza, onde participarão desta experiência 31 mães ouvintes de filhos surdos. Servirão também, como fonte de pesquisa, nossas experiências profissionais e pessoal, (minha mãe, tia e avó tinham casos de surdez e eu também tenho do tipo moderada), ou seja, a convivência na escola e as conversas informais com a família, alunos e professores surdos, como também com profissionais da Educação Especial.

As atividades investigadas responderão ao seguinte questionamento: como o diálogo é vivenciado na família, ouvinte ou não, em que a surdez está inserida entre um ou mais filhos? Ao lado desta questão central surgiu um outro questionamento: Quais as maiores dificuldades da família do surdo para a efetivação do diálogo entre ambos, já que falam línguas diferentes?

Na busca de respostas às questões apresentadas, formulamos uma hipótese para direcionar o nosso trabalho: A família, na maioria dos casos desconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) , ou se conhece a rejeita por falta de informação ou por preconceito, dificultando assim a comunicação entre ambos.

No desenvolvimento da pesquisa, utilizaremos como fundamentação básica o histórico da Comunidade Surda bem como as opiniões de autores consagrados e profissionais envolvidos nesta questão. Para investigar a realidade, serão distribuídos questionários as mães ouvintes de alunos surdos, bem como serão feitas entrevistas com alunos e professores surdos. O exame das informações coletadas e a análise da realidade observada possibilitará a elaboração desta monografia, que ampliará nossos conhecimentos, possibilitando uma melhor reflexão sobre a importância da Língua Brasileira de Sinais para a efetivação do diálogo entre a família e o surdo.

Capítulo I - Conhecendo a Comunidade Surda e a Língua Brasileira de Sinais (Libras)

1.1. Síntese histórica sobre a Comunidade Surda

Neste capítulo, pretendemos fazer uma síntese histórica sobre a Comunidade Surda, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a aquisição desta pela família do surdo.

Como afirma Moura (2000), os ouvintes da antiguidade consideravam que os Surdos não eram seres humanos competentes, pois acreditavam que o pensamento não podia se desenvolver sem linguagem e que esta não se desenvolvia sem a fala. Por isso, não eram considerados dignos de receber ensinamentos e, portanto, aprender. Aristóteles considerava que a linguagem era o que dava condição de humano para o indivíduo. Portanto, sem linguagem, o Surdo era considerado não humano. Para ele, também, o Surdo não tinha possibilidade de desenvolver faculdades intelectuais. Isto acarretou, durante séculos, desde quando foi iniciado o trabalho de “recuperação” dos Surdos-Mudos, a necessidade de se dar fala a eles, e assim desta forma “humanizá-los”. Os romanos privavam os Surdos que não podiam falar de todos os seus direitos legais. A igreja católica, até a Idade Média, acreditava que as suas almas não poderiam ser consideradas imortais, porque eles não podiam falar os sacramentos. A primeira alusão à possibilidade do Surdo poder aprender através da Língua de Sinais ou da língua oral é encontrada em Bartolo della Marca d’Ancona, advogado e escritor do século XIV.

Assim como no passado, não são raros os casos de preconceito com os Surdos, muitas vezes são vistos como pessoas incapazes de ter sucesso na escola e de ascender profissionalmente.

“Recordo-me de uma situação que passei na segunda série, na prova escrita. A professora me chamou para fazer a prova na sala da diretoria. Eu era boa aluna e, como tirava boas notas, ela achou que eu “colava”. Fiquei bastante sentida com a situação e contei a minha mãe. Ela então foi à escola conversar com a diretora e soube o porquê dessa situação. Minha mãe me explicou que isso aconteceu porque eu era surda” (DINIZ,2001,p.52).

Ainda segundo Moura (2000) Charles-Michel de L’Epée nasceu em 1712. Começou a ensinar os Surdos em 1760 por razões religiosas, iniciando seu trabalho

com duas irmãs Surdas. Para muitos ele foi o inventor da Língua de Sinais, mas, ela já existia muito antes dele iniciar o seu trabalho. Um dos seus grandes méritos foi ter reconhecido que esta língua existia, desenvolvia-se e servia como base comunicativa essencial entre os Surdos. Ele foi o responsável pela criação do Instituto Nacional para Surdos-Mudos em Paris, que foi a primeira escola pública para os Surdos no mundo e marca outra grande contribuição de L'Épée para a educação do Surdo: a passagem da educação individual para a educação coletiva, não privilegiando mais somente aqueles que podiam arcar com o trabalho particular de um educador. Segundo Sánchez (1990) *apud* Lacerda (1996):

Os surdos que podiam se beneficiar do trabalho desses professores eram muito poucos, somente aqueles pertencentes às famílias abastadas. É justo pensar que houvesse um grande número de surdos sem qualquer atenção especial e que, provavelmente, se vivessem agrupados, poderiam ter desenvolvido algum tipo de linguagem de sinais através da qual interagissem. Já durante o século XVI, sabe-se que um grupo de surdos interagiam com gestos rápidos e precisos.

Segundo Diniz (2001) o final do século XVIII foi um marco para o debate da educação de surdos. Foi nesse período que escolas rivais, oralistas e manualistas, firmaram posições pedagógicas e políticas distintas. Alexander Graham Bell foi uma figura proeminente nesse debate, tendo sido um defensor do ensino da linguagem oral, reservando severas críticas ao uso da linguagem dos sinais como a língua natural dos surdos. Para Bell, assim como para grande parte dos educadores oralistas, o aprendizado da linguagem oral permitiria aos surdos a integração social, rompendo a barreira lingüística entre ouvintes e surdos. Bell justificava sua resistência à criação de escolas especiais para surdos, onde apenas se utilizaria a linguagem dos sinais, pelo risco de formarem-se comunidades surdas com tendência ao casamento endógamo, tornando possível '...a formação de uma variedade surda da raça humana...'. O receio de Bell era não apenas o da formação de uma colônia de surdos dentro da sociedade nacional, a exemplo do que ocorre com inúmeras comunidades de imigrantes, mas, principalmente, a de que os surdos constituíssem a alteridade absoluta, a variação não-ouvinte da espécie humana.

Assim, no passado, os surdos eram proibidos de casarem-se com surdos, suas famílias eram esterilizadas ou as crianças surdas eram transformadas em cobaias de pesquisas. E infelizmente, nos nossos dias eles continuam sendo vítimas

do preconceito, até mesmo de quem menos se espera (família, educadores e especialistas). A Comunidade Surda precisa e é digna de ter sua cultura e língua valorizadas.

‘Em março de 2001, Jeff Mc whinney, diretor executivo da Associação Britânica de Surdos, iniciou seu pronunciamento sobre o tema da genética e da surdez com a seguinte afirmação: “ ... a comunidade surda é uma comunidade orgulhosa de si. Orgulhosa de sua história e orgulhosa de sua linguagem. Nós temos todos os direitos de ser orgulhosos. Nós sobrevivemos a várias tentativas de estigmatização, de opressão e mesmo de eliminação de todos nós...” O orgulho a que se referia Mc whinney é o de se reconhecer como uma comunidade, em que a linguagem dos sinais é o ícone de sua cultura’. (DINIZ, 2001, p.101).

Como surdez se entende a perda total da audição ou tal grau de diminuição auditiva, que impede a comunicação verbal, com ajuda do ouvido. Assim, a surdez manifesta-se como:

Surdez leve/ Moderada: perda auditiva até 70 decibéis que dificulta, mas não impede o indivíduo de se expressar oralmente, bem como de perceber a voz humana com ou sem a utilização de um aparelho auditivo.

Surdez severa/ profunda: perda auditiva acima de 70 decibéis que impede o indivíduo de entender, com ou sem a utilização do aparelho auditivo, a voz humana, bem como adquirir, naturalmente o código da língua oral.

Segundo cálculos da Organização Mundial de Saúde (OMS) e Censo 2000, estima-se que 3,5% da população seja portadora de surdez de diferentes graus, de leve à profunda. Entre esse percentual, existem os surdos oralizados (que não fazem uso das línguas de sinais) e os surdos não oralizados (que se utilizam das línguas de sinais para a sua comunicação). Estes últimos podem ser considerados formadores de uma comunidade lingüística minoritária. Assim como os índios ou qualquer outro grupo numericamente pequeno com relação à população em geral, eles têm identidade, cultura e língua próprias. O que os diferencia das demais pessoas, e das outras minorias, é que ser surdo não significa ter nascido em algum

lugar determinado ou integrar uma família específica com as mesmas características, e sim possuir uma língua de modalidade gestual-visual cuja expressão e recepção se diferencia de todas as demais, ou seja, das línguas que são de modalidade oral-auditiva. (FENEIS, 2004).

De acordo com Curione (2004), os ouvintes têm bloqueado a aquisição da Língua de Sinais pelos Surdos, não permitindo que estes aprendam essa língua quando crianças e também não favorecendo um ambiente adequado para essa aquisição natural da Língua de Sinais. Ouvintes não têm bloqueio na sua aquisição de língua pois têm garantia para o desenvolvê-la.

Quando imigrantes vão para outros países, formando guetos, a língua que levam, geralmente, é a língua oficial de sua cultura, sendo respeitada, enquanto língua, no país onde imigram, mas as línguas dos Surdos, por serem de outra modalidade gestual-visual e por serem utilizadas por pessoas consideradas “deficientes” - por não poderem, na maioria das vezes, expressarem-se como ouvintes - eram desprestigiadas e, até bem pouco tempo, proibidas de serem usadas nas escolas e em casa de criança surda com pais ouvintes. Era comum a prática de amarrar as mãos das crianças para impedi-las de fazer sinais. Isso aconteceu também no Brasil. Mas, apesar dessas repressões, as línguas de sinais continuaram sendo as línguas preferidas das Comunidades Surdas por serem a forma mais natural delas se comunicarem (FENEIS, 2004).

Este desrespeito, fruto de um desconhecimento, gerou um preconceito e pensava-se que este tipo de comunicação dos Surdos não poderia ser língua e se eles ficassem se comunicando por “mímica”, não aprenderiam a língua oficial de seu país. Mas as pesquisas que foram desenvolvidas nos Estados Unidos e na Europa mostraram o contrário. Se uma criança surda puder aprender a língua de sinais da sua comunidade surda à qual será inserida, ela terá mais facilidade em aprender a língua oral-auditiva da comunidade ouvinte a qual também pertencerá porque nesse aprendizado que não pode ouvir os sons que emite, ela já trará internalizado o funcionamento e as estruturas lingüísticas de uma língua de sinais, a qual pôde receber em seu processo de aprendizagem um feed-back que serviu de reforço para adquirir uma língua por um processo natural e espontâneo. Como os surdos estão em duas comunidades precisam manter esse bilingüismo social, e uma língua ajuda na compreensão da outra. (FENEIS, 2004).

Segundo Curione (2004) as crianças adquirem a Língua de Sinais, espontaneamente, através da comunicação com pessoas fluentes na mesma. A

Língua de Sinais torna-se a primeira língua das crianças Surdas as quais não seja bloqueado o acesso à língua delas. Isto possibilita e facilita o desenvolvimento cognitivo dessas crianças. É fundamental que elas tenham contato com Surdos adultos usuários da Língua de Sinais o mais cedo possível para que possam adquirir essa língua naturalmente, possam adquirir a sua identidade Surda, sem bloqueios de comunicação e sem atrasos em seu desenvolvimento cognitivo e lingüístico.

Ao contrário do que pensa uma grande parcela de ouvintes, o desenvolvimento cognitivo não se limita à relação audição-pensamento, mas na situação histórica individual em que a surdez se apresenta (qualidade de experiências educativas, promoção de possibilidades pedagógicas, alternativas compensatórias para o acesso à informação, interações comunicativas e sociais). Mas, em um mundo de ouvintes é muito difícil aceitar os surdos como eles são.

“O exemplo dos surdos é, nesse sentido, particularmente claro: para a maioria dos ouvintes, a surdez representa uma perda da comunicação, um protótipo de auto-exclusão, de solidão, de silêncio, de obscuridade e de isolamento. Em nome dessa representação se praticaram e se praticam as mais inconcebíveis formas de controle de seus corpos, mentes e linguagem. Entre os controles mais significativos, pode mencionar-se: a violenta obsessão para fazê-los falar; o localizar na oralidade o eixo essencial e único de todo projeto pedagógico; a tendência a preparar esses sujeitos como mão-de-obra barata; a experiência biônica em seus cérebros; a formação paramédica e pseudo-religiosa dos professores; a proibição de sua língua - e sua perseguição e vigilância em todos os lugares de uma boa parte das instituições especiais: o desmembramento, a dissociação, a separação, o isolamento comunitário entre crianças e adultos surdos”. (SKLIAR, 1997, p.31).

Segundo a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS, 2004) no ano de 2002, a Comunidade Surda brasileira pôde comemorar uma grande vitória. O Congresso Nacional aprovou e o Presidente da República sancionou a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, (em anexo) que reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Esse fato, um marco para a Comunidade Surda do Brasil, vem contribuir para a formação de uma sociedade verdadeiramente inclusiva, que garante os direitos dos surdos como cidadãos brasileiros.

A Lei estadual nº 13.100 de janeiro de 2001 reconhece oficialmente no estado do Ceará como meio de comunicação objetiva e de uso corrente a língua brasileira de sinais - Libras, e dispõe sobre a implantação da mesma como língua oficial na rede pública de ensino para surdos. (FENEIS, 2004).

De acordo com Moura (2000), já no século XIX, os Surdos haviam reivindicado seus direitos e reconhecido que tinham uma língua própria. Basta retomarmos os discursos de Sicard e os movimentos realizados pelos Surdos após o Congresso de Milão, para sabermos que os Surdos tinham conhecimento do valor de sua língua e de sua importância na educação do Surdo e na perpetuação de sua cultura. Até este momento eles não tinham conseguido serem ouvidos e, na verdade, muitos foram calados por uma educação que não lhes permitia o acesso à cultura e ao conhecimento em geral. Mas a cultura e a língua dos Surdos continuou viva, e eles passaram a reivindicar os seus direitos como sujeitos, e entre estes direitos o de que sua língua fosse utilizada na educação dos Surdos, que eles fossem reconhecidos não mais como deficientes, mas como diferentes e que sua cultura fosse respeitada.

No Brasil, apesar da Comunidade Surda ter conquistado alguns direitos fundamentais, como escola especial, vale-transporte, aparelhos auditivos, intérpretes, e outros, ainda é muito precária a situação dos surdos, em relação à educação, saúde, transporte e lazer, principalmente das classes menos favorecidas da nossa sociedade.

Em busca de melhorar sua situação, as comunidades surdas estão se unindo de equipamentos e recursos humanos, computadores, faxes, cursos de Libras para surdos e ouvintes, cursos de segundo grau em salas integradas ou especiais, eventos e seminários entre outros.

A Comunidade Surda será sempre guiada por líderes conscientes, sendo que dentro das associações a aquisição da Libras se fará no sentido de garantir o direito à comunicação. Diante desta maneira de atuar, a Associação de Surdos promove o entrosamento filosófico voltado à cultura e à língua de sinais como pauta central de sua existência. A Comunidade Surda brasileira existe nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Ela se vê realmente unida porque dentro da associação cada festividade funciona como oportunidade de trocas culturais riquíssimas e de união em torno de um mesmo foco. As comemorações da fundação das associações são celebradas com muita energia e interesse pelos surdos, pois é ali que está centrado o pontapé inicial de toda a organização. (FENEIS, 2004).

Segundo a Feneis (2004) as associações são lugares onde há uma rica convivência de surdos, troca de experiências, lazer, esporte e, principalmente, o fortalecimento da identidade dos surdos. Sua criação foi, sem dúvida, um passo decisivo para a autonomia dos surdos. Com o passar do tempo, sentiu-se a necessidade de fundar uma organização nacional que atendesse a todas as pessoas surdas do país. Como resultado da reunião de várias entidades que já

trabalhavam com essa temática, em 1977 fundou-se a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (Feneida). Entretanto a representatividade dos surdos estava comprometida pois a nova entidade era composta apenas por ouvintes. Como resposta a essa exclusão, em 1983 a comunidade surda criou uma Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, um grupo não oficializado, mas com um trabalho significativo na busca de participação nas decisões da diretoria. Até então esse direito lhes era negado por não se acreditar na capacidade de coordenação de uma entidade. Devido à grande credibilidade adquirida, a Comissão conquistou a presidência da Feneida. Em 16 de maio de 1987, em Assembléia Geral, a nova diretoria reestruturou o estatuto da instituição, que passou a se chamar Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS).

Incentivada pela Coordenadoria Nacional para a Integração de Pessoas Portadoras de Deficiência (CORDE), do Ministério da Justiça, a Feneis iniciou a realização de convênios para a inserção de surdos no mercado de trabalho. O primeiro deles foi assinado com a DATAPREV/SA, e é dessas parcerias que a Feneis, em sua grande parte, se mantém financeiramente. Como sonho de fundar seus Escritórios Regionais para suprir as demandas diferenciadas da comunidade, a Federação se fortaleceu e preparou-se para descentralizar. Hoje, com 17 anos de existência, a Feneis se orgulha do trabalho que vem realizando com esforço e consciência de que a audácia e a coragem fazem parte do dia a dia. (FENEIS, 2004).

1.2. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a aquisição desta pela família

Segundo a Feneis (2004), a Libras foi trazida da França em 1856, quando o Brasil ainda era uma colônia portuguesa governada pelo imperador Pedro II, mais precisamente no Rio de Janeiro. O conde francês Ernest Huet desembarcou na capital fluminense com o alfabeto manual francês e alguns sinais. O material trazido pelo conde, que era surdo, deu origem à Língua Brasileira de Sinais (Libras).

O primeiro órgão no Brasil a desenvolver trabalhos com surdos e mudos surgiu em 1857. Foi do então Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), que saíram os principais divulgadores da Libras. A iconografia dos sinais - ou seja, a criação dos símbolos - só foi apresentada em 1873, pelo aluno surdo Flausino José da Gama. Mas a oficialização em lei da Libras só ocorreu um século e meio depois, em abril de 2002, nesse período, o Brasil trocou a monarquia pela república, teve seis Constituições e viveu a ditadura militar. O longo intervalo deve-se a uma decisão tomada no Congresso Mundial de Surdos, na cidade italiana de Milão, em 1880. No evento, ficou decidido que a língua de sinais deveria ser abolida, ação que o Brasil implementou em 1881.

Como afirma MOURA (2000), o congresso não discutiu diretamente métodos de ensino de linguagem. O interesse era reafirmar a necessidade de substituição da Língua de sinais pela língua oral Nacional. A Libras quase mudou de nome e só voltou a vigorar em 1991, no Estado de Minas Gerais, com uma lei estadual. Só em agosto de 2001, com o Programa Nacional de Apoio à Educação do Surdo, os primeiros 80 professores foram preparados para lecionar a língua brasileira de sinais. A regulamentação da Libras em âmbito federal só se deu em 24 de abril de 2002, com a lei nº 10.436. (FENEIS, 2004).

As línguas de sinais (LS) são as formas de comunicação naturais das comunidades surdas. Elas não são simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar a expressão. São línguas com estruturas gramaticais próprias, já que possuem níveis lingüísticos: fonológico, morfológico, sintático e semântico (FELIPE, 2002).

O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas oral-auditivas são denominados sinais nas línguas de sinais. O que diferencia as línguas de sinais das demais línguas é a modalidade visual-espacial. Assim, uma pessoa que entra em contato com uma LS irá aprender uma outra língua, como francês, inglês etc. As línguas de sinais não são universais. Cada país possui a sua própria língua de sinais, que sofre as influências da cultura nacional.

Segundo Felipe (2002), seguem-se algumas informações técnicas referentes à Língua de Sinais:

1) Libras

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) tem sua origem na Língua de Sinais Francesa. Como qualquer outra língua, ela também possui expressões que diferem de região para região (os regionalismos), o que a legitima ainda mais como língua.

2) Sinais

Os sinais são formados a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais são feitos. Nas línguas de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros que formarão os sinais:

Configuração das mãos: são formas das mãos que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros ou esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos. Os sinais DESCULPAR, EVITAR e IDADE, por exemplo, possuem a mesma configuração de mão (com a letra y). A diferença é que cada uma é produzida em um ponto diferente no corpo.

Ponto de articulação: é o local onde é feito o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro.

Movimento: os sinais podem ter um movimento ou não. Por exemplo, os sinais PENSAR e EM-PÉ não têm movimento; já os sinais EVITAR e TRABALHAR possuem movimento.

Expressão facial e/ou corporal: as expressões faciais e corporais são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em língua de sinais é feita pela expressão facial.

Orientação/direção: os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros acima. Assim, os verbos IR e VIR são feitos em direções opostas.

3) Convenções da Libras

A grafia: os sinais em Libras, para simplificação, serão representados na língua portuguesa em letra maiúscula. Ex.: CASA, INSTRUTOR.

A datilologia (alfabeto manual): usada para expressar nomes de pessoas, lugares e outras palavras que não possuem sinal, estará representada pelas palavras separadas por hífen. Ex.: M-A-R-I-A, H-I-P-Ó-T-E-S-E.

Os verbos: serão apresentados no infinitivo. Todas as concordâncias e conjugações são feitas no espaço. Ex.: EU QUERER CURSO.

As frases: obedecerão à estrutura da Libras, não do português. Ex.: VOCÊ GOSTAR CURSO? (Você gosta do curso?).

Os pronomes pessoais: serão representados pelo sistema de apontação. Apontar em Libras é culturalmente e gramaticalmente aceito.

Os surdos, ao não poderem adquirir naturalmente a língua oral por seu déficit auditivo, criaram, desenvolveram e transmitiram, de geração em geração, a língua de sinais, cuja modalidade de recepção e produção é viso-gestual. Sua utilização fundamenta-se em uma série de estudos comparando diversas habilidades de crianças surdas filhas de pais surdos com crianças surdas filhas de pais ouvintes.

“[...] Meadow analisou 6 estudos e em todos eles as crianças surdas filhas de pais surdos apresentaram performance de fala e leitura labial semelhantes e obtiveram mais altos níveis de escolaridade do que as crianças surdas filhas de pais ouvintes. [...] o estudo de Meadow relata que as crianças surdas, filhas de pais surdos obtiveram resultados significativamente melhores, na opinião de seus professores, quanto à maturidade, responsabilidade, sociabilidade, popularidade, ausência de frustração para se comunicar e auto-imagem. Esta melhor performance comportamental pode-se dever, além da exposição mais precoce à língua de sinais, a um melhor manejo educativo pela família surda que conhece/convive melhor com a realidade da Educação Especial, assim como a uma maior identificação existente entre os filhos surdos e seus pais surdos”. (CALDEIRA, 1998, p.21 - 22).

Segundo Skliar (1997) apud Bernadino (2000), estatísticas internacionais apontam que somente 4% ou 5% das crianças surdas são filhas de pais surdos, tendo, então, um acesso natural a esse bilingüísmo, pelo contato com a língua de sinais, sendo esse acesso efetuado através das interações comunicativas com os pais surdos, estando inseridos numa comunidade majoritária que é ouvinte. A maioria das crianças surdas, no entanto - de 95% a 96% -, não tem a mesma possibilidade que as que são filhas de surdos: elas crescem e se desenvolvem dentro de uma família ouvinte, que geralmente desconhece ou rejeita a língua de sinais.

Os dados comparativos entre filhos surdos de pais surdos e filhos surdos de ouvintes sugerem que estes últimos necessitam imperiosamente de um contato prévio e efetivo com os membros reais da comunidade surda; por isso é necessário prever e organizar creches com pessoas surdas, cuja tarefa específica seja, justamente, a de oferecer à criança surda um ambiente apropriado para o estabelecimento dos formatos de interação comunicativos e o conseqüente desenvolvimento cognitivo e lingüístico pleno. Segundo Skliar, (1997) apud Bernardino (2000, p.39):

‘Se não se organiza adequadamente o acesso destas crianças à Língua de Sinais, seu contato será tardio e seu uso restringido a práticas comunicativas parciais, com as conseqüências negativas que isto implica para o desenvolvimento cognitivo, e, sobretudo, para o acesso à informação e ao mundo de trabalho ‘.

Assim, a Língua de Sinais é para os Surdos o que a língua oral é para os ouvintes. Esta língua tem uma estrutura e gramática próprias, que não são originadas de qualquer língua oral, e assim como o português, possui algumas variações regionais. Em mais de cento e vinte anos da educação de Surdos mostram que o tipo de exposição exclusiva à língua oral é completamente insatisfatório para um acesso pleno à segunda língua.

Há uma grande divergência entre a comunicação de pais ouvintes e filhos surdos, já que ambos dominam línguas diferentes.

“Uma língua de sinais (como a Libras) e uma língua verbal (como o Português) além de apresentarem profundas diferenças tipológicas e genéticas como as encontradas entre, por exemplo, o árabe e o Português ou o chinês ou

o português, apresentam também uma diferença tipológica devida ao veículo (ou canal) utilizado. Essa diferença acrescenta, no mínimo, uma dificuldade que corresponde a aprender mais uma língua profundamente diferente”. (GRANNIER, 2002, p.51).

Ensinar a língua portuguesa oral ou escrita para crianças surdas é uma tarefa muito complexa, mas com a aquisição da Libras fica bem mais fácil.

“Para a criança ouvinte, parece “ a coisa mais simples” ir adquirindo a língua de seus familiares e até outras línguas se ela tiver oportunidade de conviver com pessoas que usem essas línguas. Mas ensinar e aprender uma língua, oral ou escrita, para quem não tem língua nenhuma (como nos raros casos de crianças criadas sem contato com seres humanos ou, como o caso de crianças surdas, sem contato com línguas) é uma tarefa incomensurável e requer metodologia altamente especializada. Mesmo assim, os resultados nem sempre correspondem aos esforços empenhados. A situação é bem diferente, contudo, para a criança surda que já tem uma configuração lingüística (em Língua Brasileira de Sinais - Libras, por exemplo). A tarefa também não é pequena, mas é bem mais viável e ela pode aprender

português (português-por-escrito), com metodologia de ensino de segunda língua, em geral” . (GRANNIER , 2002, p.49).

No ambiente familiar, a maioria dos pais ouvintes não conseguem interação comunicativa com o filho surdo pelo desconhecimento que têm da língua de sinais ou ainda pela rejeição à ela, em consequência da falta de informação e do preconceito. Seria suficiente mencionar a história de Sonya Kinney, surda de 15 anos, que venceu uma batalha judicial em Willminton, EUA, com o objetivo de negar a seus pais todo o direito de posse sobre ela, pelo simples motivo de que não quiseram aprender jamais a língua de sinais, isto é, se negaram a comunicar-se com sua filha. Segundo Skliar (1997) *apud* Bernardino (2000, p.38-39):

Entretanto, é difícil imaginar que os pais ouvintes que não aceitam as Línguas de Sinais renunciem a toda forma de comunicação com seus filhos surdos. Por isso, apesar do controle de certos profissionais, muitos pais criaram e desenvolveram sistemas de comunicação gestual com seus filhos que, por mais complexos que sejam, não conduzem a criança surda a um processo formal de aquisição de informações lingüísticas e sócio-culturais.

As desvantagens desse atraso na apresentação de uma forma comunicativa interativa provocam estruturas de isolamento psicológico nas crianças surdas, podendo levar a graves consequências no seu desenvolvimento. A solução encontra-se no cedo acompanhamento de profissionais qualificados, capacitados a informar corretamente à família, e no contato imediato com membros da Comunidade Surda, como forma de promover o contato do surdo adulto com a criança surda. Isto permitirá o acesso da criança a um processo formal de aquisição de informações lingüísticas e sócio-culturais, só possível com a presença de seus pares.

(...) “Vários surdos disseram que se sentem isolados em casa, que preferem estar na escola, porque lá têm amigos com os quais podem conversar. Em casa, se

todos estão assistindo televisão, aparece alguma notícia importante e ele pergunta o que é, lhe respondem: ‘espera, depois eu te falo! E depois se esquecem’. Se a família está reunida, conversando, e o surdo pergunta sobre o que estão falando, a resposta é sempre a mesma: ‘depois eu te falo’. E isso não acontece apenas com pais e irmãos. Vários casais formados por surdos e ouvintes chegam à separação pelo mesmo motivo”. (BERNARDINO, 2000, p.40).

Nossa sociedade por ser maioria ouvinte, discrimina os surdos e em conseqüência a família também tem preconceito com seu filho surdo, o qual em muitos casos, não se aceita por ser diferente. Segundo Quadros (1997) *apud* Bernardino (2000, p.41):

Muitas vezes os familiares têm vergonha de usar sinais. A língua de sinais não têm um status de importância na comunidade ouvinte em geral. É difundida a idéia de que são gestos, mímica, sinais icônicos com significado concreto, imediato, que não é uma língua que seja possível abstrair. Quem pensa assim nunca parou para observar a beleza da língua de sinais. Os surdos criam poemas, cenários inteiros com as mãos. Metáforas, hipérboles, ironias... surgem nas piadas que eles amam contar. E suas mãos riscam no ar movimentos que parecem uma dança, num primeiro momento, mas que, associadas às expressões faciais, aos movimentos dos olhos, do corpo, de todo o conjunto de parâmetros envolvidos na comunicação espaço-visual, ganham significados diversos.

O motivo de se querer impedir que uma criança surda seja normal, tendo um desenvolvimento lingüístico cognitivo adequado, tratando-a como se fosse um ouvinte, é o preconceito, os quais são mantidos por ignorância, ambição e egoísmo. Como afirma Sánchez (1996) *apud* Bernardino (2000, p.41):

‘ Como pelo fato de serem maioria, os ouvintes tivessem o poder de impor uma ditadura inflexível sobre os surdos, decidindo que língua deverão usar, que educação deverão ter. Ditadura que pretende dominar por esta via não só os corpos, mas também as mentes daqueles que não são parte dessa maioria que se considera a si mesma normal e que deprecia aos que são diferentes’.

A maioria das famílias ouvintes que tem filho surdo, comunicam-se com ele na forma oral. Não são raras as vezes em que falam gritando como se o surdo pudesse ouvir e entender o que dizem. Isso ocorre por ignorância e preconceito em não aceitar a surdez do seu filho e em não querer aprender a Libras. Assim, fica difícil a concretização do diálogo entre ambos.

“ Entretanto, apesar de vários contratempos, muitos familiares ainda preferem a fala à LS. Mesmo não compreendendo e não sendo compreendidos, não reconhecem a importância de permitirem que seu filho tenha acesso a um verdadeiro sistema lingüístico que lhe permita uma completa simbolização do mundo”. (BERNARDINO, 2000, p. 39).

Como falar com uma pessoa Surda? Esta é uma pergunta que todos deveriam saber a resposta, principalmente a família e os profissionais envolvidos na Educação Especial. Sugestões para falar com uma pessoa surda:

- < Não exagerar na articulação;
- < Não alterar a voz;
- < Falar com velocidade moderada (nem depressa, nem devagar);
- < Através do tato, fazer com que a criança perceba a vibração ao falar;
- < O objeto a ser trabalhado poderá ser colocado próximo ao rosto no momento de nomeá-lo, para que visualize a forma bucal, podendo afastá-lo em seguida;
- < Antes de começar a falar, tocá-lo levemente de preferência no antebraço ou no braço ou acenar com as mãos pra chamar sua atenção;
- < Colocar-se ao nível dos olhos da criança, com a luz iluminando o rosto;
- < Ter o cuidado de falar de frente ou levemente de lado, para que desperte o interesse nos movimentos dos lábios (Leitura Orofacial);
- < A linguagem deve ser filtrada, isto é, frases curtas, simples, mas completas. Não pular nenhuma palavra. Falar corretamente;
- < Falar sempre, mesmo que ela não dê nenhuma resposta;
- < Não excluí-lo das conversas, deixar que ele participe;
- < Incentivá-lo sempre a falar, pois não deve crescer mudo. Devemos dar a ele, a oportunidade de se integrar na sociedade.

Quando a surdez é do tipo severa/profunda o ideal é que a comunicação seja feita através da língua de sinais (Libras) que é a língua natural dos surdos. Quando a família passa a aceitar seu filho surdo como cidadão possuidor de cultura e língua própria, a convivência entre ambos passa a ser bem melhor.

“Embora na prática, raramente essa língua seja usada no Brasil entre pais ouvintes e filhos surdos, devido aos diversos mitos que permeiam , em outros países muitos pais percebem que a língua de sinais é importante para o filho surdo, e não só permitem que ele a use, como incentivam os outros filhos a aprendê-la, assim como eles próprios a aprendem”. (BERNARDINO, 2000, p.43).

O preconceito com a língua de sinais existente na família é o causador do insucesso do surdo e um obstáculo ao seu pleno desenvolvimento. Segundo Bernardino:[...] *Outro exemplo válido me foi dado numa conversa com um surdo do Rio de Janeiro, atuante na comunidade surda, que foi convidado a dar uma palestra sobre a “Participação dos surdos “ no “ IV Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngüe para Surdos”, ocorrido na Colômbia em setembro/outubro de 97. Ao comentar sobre sua família, disse que a mãe, semi-analfabeta, teve de “brigar” com toda a família, que queria que ela obrigasse o menino, seu segundo filho surdo, a aprender a leitura labial e a fala, e que não permitisse o uso dos sinais, ao que ela respondeu: O meu filho é surdo e ele consegue falar tudo o que sente com os sinais. Eu não vou obrigar o meu filho a falar uma língua que ele não gosta. Ele gosta de sinais, vai continuar falando em sinais: não sou eu quem vai obrigar o meu filho a falar (oralmente). Esse rapaz tem uma profunda admiração pela escolha da mãe: diz que ela, apesar de semi-analfabeta, teve muito mais sabedoria que muitos pais letrados de outros surdos.... (BERNARDINO, 2000, p.43).*

Não é correto ouvir somente a opinião dos ouvintes a respeito dos Surdos, é mais importante ouvir a opinião deles a respeito da surdez e da língua de sinais, o que pensam e sentem.

“Eu sou Surdo e sou feliz. Minha trajetória de sucesso começou na família, com minha mãe, que desde a descoberta da surdez teve a intuição de que o mais importante em sua relação comigo seria termos uma comunicação satisfatória, partindo do princípio de que ela deveria se adequar à forma de comunicação mais fácil e natural para mim, e não o contrário. Logo descobriu que

essa forma era com os sinais e adotou a língua de sinais em nossa casa". (PIMENTA,2001,p.24)

Uma mãe ouvinte de filho surdo foi convidada a dar sua opinião no

Seminário do INES no ano de 2001, no Rio de Janeiro. Ela deixou uma mensagem para todos os pais ouvintes que tenham filhos surdos.

“Olhem para seus filhos! O que vocês mais desejam não é a felicidade deles? Sobre esse fato não restam dúvidas. E se os filhos são surdos, perguntem a Surdos Adultos Felizes em que consiste sua felicidade. Perguntem a eles e a mais ninguém”. (STELLING 2001, p. 55).

1.3. As Metodologias utilizadas para educar surdos

Segundo Lacerda (1996) por muito tempo os surdos foram considerados incapazes de pensar e aprender, assim, eram tidos como imbecis. Apenas no início do século XVI é que passaram a admitir que os surdos são capazes de aprender através de procedimentos pedagógicos. O objetivo da educação de surdos era desenvolver o pensamento, adquirir conhecimentos e facilitar a comunicação com o mundo ouvinte. Era comum na época manter em segredo o modo como se educavam os surdos.

Tanto a língua oral como a escrita tinham importância fundamental. O alfabeto digital era amplamente utilizado e criado pelos próprios professores, pois se o surdo não podia ouvir a língua falada, poderia lê-la com os olhos. No entanto, apenas os surdos ricos eram atendidos por esses professores, permanecendo a grande maioria à margem da escolaridade básica. Assim, os surdos sempre foram discriminados e marginalizados.

O principal personagem da história dos surdos no Brasil não é um brasileiro e sim um francês. Eduard Huet nasceu em 1822 e aos 12 anos ficou surdo. Sua família pertencia à nobreza daquele país. Huet se formou professor e emigrou para o Brasil em 1855. Apoiado por D. Pedro II, ele fundou, no dia 26 de setembro de 1857, o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Começou alfabetizando sete crianças com o mesmo método do abade L'Epée. Essa foi a primeira escola a aplicar a língua de sinais na metodologia de ensino.

Assim como a educação na França, a língua de sinais no Brasil deixou de se desenvolver com o Congresso de Milão. Embora a influência do oralismo fosse forte, os surdos brasileiros buscaram outras alternativas de se comunicarem através da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Organizaram-se em forma de associações para viverem aí sua cultura.

Selecionar uma metodologia adequada para educar os surdos requer de pais, educadores e especialistas uma visão histórica-crítica da realidade Surda ao longo dos tempos. De acordo com Lacerda (1996) podemos distinguir duas iniciativas de educação de surdos: o Oralismo e o Gestualismo. Os primeiros exigiam que os surdos se reabilitassem, superassem sua surdez, falassem, e de certo modo, se comportassem como se não fossem surdos. Impuseram a oralização para que os surdos fossem aceitos socialmente e, neste processo, deixava-se a imensa maioria dos surdos excluídos de toda possibilidade educativa, de desenvolvimento pessoal e integração na sociedade, obrigando-os a se organizarem de forma quase clandestina. Os Gestualistas eram mais tolerantes frente às dificuldades do surdo para a língua falada e foram capazes de perceberem que os surdos desenvolviam uma linguagem, ainda que diferente da oral, eficaz para a comunicação, abrindo-lhes as portas para o conhecimento da cultura, incluindo aquele dirigido para a língua oral.

Como afirma Lacerda (1996), realizou-se no ano de 1878, em Paris, o I Congresso Internacional sobre a Instrução de Surdos, onde já se destacava a importância da família e da língua de sinais (mímica na época) para o aluno ascender à linguagem falada. Em 1880 realizou-se o II Congresso em Milão. Preparado por uma maioria oralista, este evento extinguiu a profissão do professor surdo por não acatar que a linguagem gestual fosse utilizada como forma de comunicação na educação dos surdos. No entanto, com o oralismo, não se obteve os resultados pretendidos. A maioria dos surdos profundos não desenvolveram uma fala aceitável socialmente e também esse desenvolvimento era parcial e tardio em relação a aquisição da fala apresentada pelos ouvintes, o que implicava atraso de desenvolvimento integral significativo, acabando por revelar surdos pouco preparados para o convívio social e com sérias dificuldades de comunicação. Além disso, a língua oral é incoerente na comunicação entre surdos.

Somente nas décadas de 50 e 60, com novas descobertas técnicas, é que houve progresso para o portador da surdez. Como resultado, houve a possibilidade de se protetizar crianças surdas e que a escola pudesse trabalhar sobre aspectos da percepção auditiva e de leitura labial da linguagem falada. Na década de 60, começaram a surgir estudos sobre as línguas de sinais utilizadas pelas comunidades surdas com um interesse do ponto de vista lingüístico através dos estudos de William Stokoe. A partir de algumas publicações como o estudo da gramática e dicionário em língua de sinais muito estudiosos divulgaram pesquisas na área da surdez.

Além destes dois métodos de educação de surdos, cabe mencionar a Filosofia da Comunicação Total. Sua proposta original era fornecer uma comunicação fácil, livre, de dois caminhos entre a criança Surda e o seu ambiente mais próximo, através das formas de comunicação auditivas, manuais e orais. Mas no entanto, ela foi transformada tendo como objetivo final a integração da criança surda no mundo ouvinte e para isso é preciso que ela fale e seja ouvida. Essa proposta quase não difere do Oralismo, pois passou a ter o mesmo objetivo. Utiliza o sistema bimodal de comunicação: a língua gestual-visual (sinais) é usada simultaneamente com a língua falada. Essa filosofia apesar de no início ter utilizado também a linguagem gestual, aos poucos foi deixando-a em segundo plano até extingui-la, isto porque não se pode utilizar a língua oral e a Língua de Sinais ao mesmo tempo por possuírem estruturas diferentes. Esta comunicação é falha no sentido de não respeitar as características próprias da Língua de Sinais e a Cultura Surda.

De acordo com Hansen, (1990) *apud* Chaves (2004, p.75) [...] “As crianças tinham uma nova língua, que não era a Língua de Sinais, nem a língua oral sinalizada e não tinham noção de onde terminava uma e começava outra”.

O Bilingüismo originou-se de vários estudos sobre a Língua de Sinais, os quais provaram ser esta forma de comunicação primordial para o desenvolvimento da criança surda. Esta metodologia reconhece e valoriza a Cultura Surda à medida que defende o aprendizado da Língua de Sinais como primeira língua (materna) e o português por escrito como segunda língua. Tem como objetivo criar uma identidade bi-cultural, pois permite à criança surda desenvolver suas potencialidades dentro da cultura surda e aproximar-se, através dela, à cultura ouvinte. De acordo com pesquisas, crianças surdas expostas aos sinais como sua língua “natural” ou primeira linguagem mostram desenvolvimento lingüístico semelhante ao das crianças ouvintes filhas de pais ouvintes, pelo menos no que se referem a esses primeiros passos na aquisição da linguagem. É importante destacar que o Bilingüismo não permite o uso simultâneo dos sistemas oral e sinalizado e também não admite o português sinalizado.

“Seria importante fazer uma comparação entre o aprendizado da escrita por surdos chineses e brasileiros. A hipótese mais plausível (que valeria a pena verificar) é que, para um surdo, é mais fácil aprender a escrita do chinês do que a do português, já que a primeira, sendo uma escrita ideográfica, representa predominantemente ‘

idéias’ ou ‘unidades significativas’ - as quais são conhecidas por um usuário de língua de sinais na sua própria língua - ao invés de, como a segunda, alfabética, representar ‘unidades sonoras’ - inacessíveis para o surdo. A questão do ensino bilíngüe é uma opção que respeita a prioridade da primeira língua do aprendiz. Nessa modalidade, o aprendiz se comunica com o (s) professor (es) das diferentes matérias na língua que ele domina (Libras) e o ensino do português-por-escrito assume características de ensino de segunda língua e, mais especificamente, de ensino de língua instrumental, passando a se beneficiar, por conseguinte, dos avanços da Lingüística Aplicada ao ensino de línguas”. (GRANNIER, 2002, p.50).

Qualquer pessoa, surda ou não, necessita ser aceito, sentir-se: amado, importante e útil na sociedade em que vive, precisa ser capaz de lutar por seus objetivos e de ter oportunidade para realizá-los. No Brasil as escolas utilizam a forma de comunicação bimodal, no entanto, valoriza-se mais a oralidade do que o conteúdo. Os professores colocam-se como fonoaudiólogos e tratam os surdos como um doente a ser curado (pela fala) para ser integrado no mundo ouvinte (mundo são/normal), por isso é fundamental aceitar a opinião dos surdos sobre a melhor forma para educá-los. Segundo Emmanuelle Laborit (1995), apud Skliar (1995, p. 35): *‘Decidi não fazer mais nada em classe. Não suportava aquelas aulas, não suportava ler os lábios, não suportava lutar para produzir os ruídos de minha voz, não suportava a história, a geografia, até mesmo o francês, não suportava os professores desanimados, que constantemente me repreendiam, me diminuía diante dos outros. A realidade me desgostava. Então decidi não encará-la mais de frente. Fiz minha revolução. Era ridículo passar minha vida em uma escola. As horas mais importantes de minha vida se perdiam em uma prisão. Tinha a impressão*

de que não me amavam, que não conseguiria prosseguir adiante. Tudo aquilo não servia para nada. (...). Tinha a impressão de ser manipulada, queriam apagar a minha identidade de surda’.

O ideal seria que existissem várias formas de trabalho com as crianças de acordo com as suas características individuais e sua forma de comunicação até ela adquirir uma certa maturidade para reconhecer e valorizar sua cultura e sua língua.

É fundamental que se faça um diagnóstico da criança o mais cedo possível para detectar o tipo de surdez, que pode ser do tipo leve, moderada ou profunda, sendo que, os dois primeiros necessitam de encaminhamento a protetização. A criança deve ser estimulada na escola pelo professor, em casa pela família e em clínicas especializadas por profissionais habilitados. Essa estimulação deve começar com a criança ainda bebê, pois é nessa fase que a criança aprende mais rápido. Vale salientar que devemos respeitar a opinião dos pais ao se eleger uma metodologia para educar seus filhos, no entanto, eles precisam estar conscientes sobre as limitações de cada uma delas.

A inteligência não verbal é igual entre surdos e ouvintes. O uso da linguagem gestual desde a primeira infância, pelo surdo, proporciona um desenvolvimento normal de inteligência e de pensamento não verbais que é comprovado através da aplicação de testes.

1.4. Da ansiedade da confirmação do diagnóstico à aceitação

Segundo Bee (1984), embora cada indivíduo seja único, parece haver um padrão global para as reações dos pais após receberem a notícia de que seu filho é deficiente. Os pais esperam ganhar um bebê perfeito, mas eles se adaptam sem dificuldades a algumas diferenças. Por exemplo, se chega um menino quando era desejada uma menina, o desapontamento é logo superado. Mas quando a discrepância é muito grande, o trauma tem uma duração mais prolongada. Numa situação como essa, os casais têm de reconstruir todas as suas vidas, assim como o seu bebê, com base em informações totalmente inesperadas. A seguir veremos as fases que os pais passam ao receber o diagnóstico.

Inicialmente, ocorre o **choque**. A maioria dos pais descreve uma sensação de dormência quando é confrontada com a notícia pela primeira vez. Vivenciam uma sensação de perda - perda do bebê perfeito que esperavam e perda de suas esperanças e sonhos. É um momento de extrema pressão, quando se exige que absorvam e aceitem a realidade da situação e comecem a cuidar do bebê que será parte de sua vida familiar durante o resto de suas vidas. Ao mesmo tempo, é bastante natural que os pais tenham uma das seguintes fortes emoções: eles podem sentir um desejo grande de proteger o bebê ou podem sentir rejeição e querer “desligar” suas emoções. A comunicação é fundamental. É preciso que haja diálogo com o companheiro ou com uma pessoa mais próxima. É essencial compartilhar emoções.

Em seguida ao choque, é provável que haja um período de **negação**, quando ocorrem a descrença e o questionamento. Muitas vezes, os pais saem em busca de segundas opiniões ou respostas alternativas. Não conseguem acreditar que isso realmente aconteceu e, às vezes, esforçam-se bastante para tentar provar que não aconteceu. Esse também pode ser um período em que ouçam alguns parentes dizendo coisas do tipo: “Bom, isso não pode ter vindo do nosso lado da família.”

Depois, entremeado com os sentimentos de choque e negação, há a **tristeza e a raiva**. É um período de confusão emocional. Os casais podem sentir raiva pela perda de seu filho perfeito, e podem demonstrar agressividade com as pessoas e os profissionais que encontram, principalmente com quem dá a notícia. Pode ser que o período de busca não tenha gerado resultados positivos, mas apenas confirmado o diagnóstico original. Os pais começam a questionar a si mesmos em profundidade e seus pensamentos se tornam confusos. Outros, por uma ou outra razão, culpam a si mesmos. Eles podem ter pouca confiança em sua própria capacidade de criar seu

filho. Às vezes, a mãe tem um sentimento de culpa, porque sente que pode ter se cuidado mal durante a gravidez, ou percebe o fato como algum tipo de punição por coisas que ela fez no passado. Esses sentimentos não são incomuns e é importante que os casais os partilhem um com o outro ou com a família ou os amigos. Todos precisamos de alguém em quem encostar, vez ou outra, e ninguém pode enfrentar isso absolutamente sozinho.

Com o tempo, ocorre um **equilíbrio**, quando a intensidade do sentimento diminui. Parece um pouco como a calma depois da tempestade. Os pais têm pouquíssima tolerância à frustração e estão vulneráveis. Qualquer estresse adicional, como uma complicação na doença do bebê, pode remetê-los aos sentimentos de choque que vivenciaram no início. O equilíbrio é um momento em que os pais, na realidade, estão recompondo seu estoque de reservas emocionais, o que lhes permite chegar finalmente à etapa de reorganização.

Antes de chegar a etapa da **reorganização**, pode ser que tenham se passado meses ou até anos, de acordo com a situação individual de cada um. Os pais desenvolvem alguma confiança na sua própria capacidade de cuidar de seu filho e melhorar a sua auto-estima. Agora não estão apenas na posição de conseguir atender às necessidades do filho, mas também têm experiência e conhecimentos para ser uma fonte de ajuda para outras pessoas.

É importante reconhecer que passar pelas etapas não é o final da história, ao passar do tempo, novas e diferentes situações se apresentarão aos pais, cada uma das quais possivelmente os fará passar mais uma vez pela seqüência de sentimentos descrita. Por exemplo, passar pela situação de ver o filho rotulado formalmente como portador de necessidades educacionais especiais, ajudá-lo a passar pela adolescência, sair da escola, considerar o que vai acontecer com ele quando os pais já não estiverem presente para cuidar dele. No entanto, cada obstáculo que os pais superarem os preparará melhor para o seguinte e eles ganharão mais experiência, mais conhecimentos e farão contatos e amizades que os auxiliarão na sua trajetória.

Os profissionais, principalmente os da saúde, tratam a criança surda como a um doente que deve ser curado. E os pais começam a longa batalha contra a surdez, o que na maioria das vezes é impossível, e só traz mais frustrações. Segundo Domínguez (1996) *apud* Bernardino (2000, p. 37):

‘A família de uma criança surda enfrenta um mundo desconhecido e diferente que não escolheu e isto pode gerar muita angústia. Em primeiro lugar, porque nossa sociedade é intolerante em extremo à diferença e uma criança surda é uma criança diferente; e em segundo lugar, porque temos muitos anos de tradição concebendo a surdez como uma enfermidade que algum dia a ciência derrotará, em vez de olharmos realisticamente como uma condição irreversível à qual podemos nos adaptar felizmente com uma dose extra de compreensão’.

O diagnóstico inicial é quase sempre traumático para a família e para a criança surda. A não aceitação da surdez leva os pais a uma jornada de reconfirmações por vários especialistas, isto provoca estresse e ansiedade.

“O anseio frenético com que muitos pais se lançam na busca daquilo que acreditam ser a reabilitação da surdez é exemplo do quanto é preciso sustentar a crença de que a surdez seja algo a ser eliminada, recomposta, suturada, dissimulada. Nesse contexto, a criança desaparece. Não há lugar para um filho! Tudo gira em torno da falta de audição. Há apenas um ouvido a ser consertado! (...) É preciso cautela. Se os pais forem deslocados do lugar de pais e os colocarmos no lugar de reabilitadores em posição de ‘professores’, estaremos subvertendo a ordem da família. Estaremos tomando para nós as atribuições cujos efeitos são decisivos para a existência da criança. É aos pais que compete a educação da criança. Nossa tarefa se resume em auxiliá-los a serem os pais que eles podem ser”. (FORMIGONI, 2002, p.13-14).

O ideal é que o pediatra encaminhe a criança a um foniatra ou otorrinolaringologista. Confirmada a surdez, os pais devem ser orientados a procurar os serviços fonoaudiológicos. A seleção e a adaptação da prótese auditiva, após o diagnóstico devem ser realizadas em centros de fonoaudiologia. A indicação exige receita médica. O início da educação em um centro especializado ou o início do tratamento constituem também momentos de alta ansiedade entre os pais. O fonoaudiólogo deve orientar os pais quanto as vantagens e desvantagens de cada método recuperativo decidindo junto com eles, qual orientação metodológica a seguir.

Constatou-se períodos da vida do surdo em que há um aumento do estress, como na identificação da perda auditiva, no início do tratamento e da escolaridade, no início da adolescência e no início da vida adulta. Na adolescência, a prótese auditiva começa a incomodar os jovens que a vêem como um estigma de sua deficiência. Nesta fase a ausência da linguagem pode ser desastrosa se o jovem for mal orientado. O último período crítico se situa na vida adulta. O surdo precisa de orientação vocacional e de profissões compatíveis com a surdez. Existem muitas possibilidades de profissionalização, de auto-sustentação através de emprego remunerado e de continuidade da vida escolar.

De acordo com Bee (1984), seguem-se algumas informações importantes ao transmitir o diagnóstico para pais, cujos bebês nascem com alguma anomalia:

- Os pais querem ser informados imediatamente, ou pelo menos, nas primeiras 24 horas, se possível.
- Se não for possível realizar o diagnóstico preciso imediatamente, os pais querem conhecer a suspeita do médico, em vez de serem “enrolados” com falsas tranqüilizações.
- Se os médicos estiverem realizando exames, então, os pais querem saber sobre isso: Para que são os testes, o que está envolvido e quanto tempo isso demora?
- Os pais querem que a equipe médica seja aberta, franca e honesta com eles.
- A mãe e o pai querem ser informados juntos, para que um possa dar apoio ao outro.
- Os pais querem privacidade e um pouco de tempo juntos, sozinhos, durante e após a notícia.

- Os pais querem que o bebê esteja presente durante e depois do momento da notícia, para que possam ver que seu filho tem características positivas e atraentes, em vez de serem deixados imaginando o pior.
- Eles querem a presença de alguma outra pessoa além do médico, para que, quando ele sair da sala, outra pessoa conhecedora do assunto possa ficar um pouco com eles, repassando as informações e esclarecendo dúvidas que possam ter.
- Eles querem receber alguma informação escrita sobre a doença da criança, com endereços de locais onde possam conseguir informações adicionais.
- Querem que os médicos utilizem uma linguagem simples e que não os confundam usando linguagem científica.

A interação entre pais e filhos é de suma importância para o desenvolvimento integral do ser humano.

“Se a interação entre pais e filhos no contexto familiar for carente de mediatização, as crianças tendem a ser mais desorganizadas, mais impulsivas e menos reflexivas, numa palavra, menos adaptadas às situações e às aprendizagens futuras”. (FONSECA, 2002, p.17).

Ter filhos hoje em dia é um grande desafio, é preciso ter responsabilidade, confiança, generosidade e paciência. Quando a criança nasce com uma ou mais deficiências, o desafio é ainda maior. Muitos pais super-protegem seus filhos e acabam por torná-los dependentes, incapazes até mesmo de tomar um banho sozinhos. Em certos casos o deficiente é realmente impossibilitado, mas há casos em que os pais fazem tudo por eles, quando o certo seria ensiná-los. Nestes casos os pais precisam tanto de apoio quanto seus filhos.

“Muitas vezes crianças são excessivamente malcriadas e adolescentes agressivos demais porque têm medo. Ser insolente, testar autoridade adulta, quebrar a cara e bater pé, tudo isso faz parte do crescimento, da busca

saudável de um lugar no mundo. Mas não ter limites é assustador. Ser super-protegido fragiliza. O mundo é informe quando se está começando a caminhar por ele: quem poderia sugerir formas, apontar caminhos, discutir questões, escutar e dialogar está tão inseguro quanto os que mal acabaram de nascer”. (LUFT, 2004, p.21).

Na sociedade dos tempos contemporâneos a maioria dos pais trabalham fora de casa, passam pouco tempo com seus filhos ou então dispensam pouca atenção a eles. Isto somado a outros fatores como: traumas da infância, estresse, separação conjugal, ansiedade, baixa auto-estima, insegurança, miséria, desemprego, por parte dos pais provocam sérios problemas de relacionamento que precisam ser resolvidos o quanto antes.

“ Se os pais têm conflitos no casamento ou traumas pela forma com que foram criados na infância, esses problemas vão repercutir na vida da criança a curto e a longo prazos. Antes de engajar os filhos em dez atividades fora da escola ou colocá-los no divã do analista, temos de checar o que se passa com os pais. Se ajudarmos os adultos a manter o casamento e superar as frustrações pessoais, eles vão criar melhor os filhos”. (BIDDULPH, 2004, p.76).

A família de um portador de deficiência precisa de apoio psicológico e de respeito por parte da sociedade para superar as dificuldades que encontram no dia-a-dia.

“ Um estudo comparativo de características das mães de deficientes identificou que estas, comparadas as dos normais, possuíam muito mais sentimento depressivo, preocupação com as crianças e dificuldades de lidar com a birra da criança. Muitas apresentavam mais possessividade, outras menos sentimento de competência materna e satisfação com a criança afetada. Este quadro sugere uma experiência de tensão

psicológica e frustração que as mães de deficientes vivem. Além dos pais, os irmãos normais também sofrem uma série de conseqüências. Vendo o filho deficiente como elemento dependente de seus cuidados, os irmãos normais vêem-se privados da atenção dos pais por serem mais independentes e muitas vezes, interagem assumindo o papel materno". (COSTA, 2002, p.6)

Capítulo II - Conhecendo o Instituto Cearense de Educação de Surdos e a aquisição da Libras pela família

Para apreender a realidade, adotamos a metodologia de pesquisa que pode ser classificada como qualitativa dentro da abordagem etnográfica. A respeito da

História da Comunidade Surda, da Língua Brasileira de Sinais e sua aquisição pela família, fizemos um estudo bibliográfico. Em seguida, começamos uma fase exploratória, que se constituiu de observação, coleta sistemática de informações, aplicação de questionário e seleção de aspectos relevantes.

Os questionários foram distribuídos para trinta e uma mães com características sócio-econômicos-culturais diversificadas, como também foram feitas entrevistas com 5 professores e alunos surdos.

Estabelecemos como critério de análise - a aquisição da Libras pela família do surdo constituindo-se um fator fundamental para que haja diálogo entre ambos.

Nesta pesquisa, examinamos os seguintes aspectos: relação mãe ouvinte e filho surdo, relação escola-surdo, escola-mãe do surdo, interação surdo-surdo, integração família-escola.

Os questionários foram estruturados da forma em que rendesse o maior número de informações sobre o relacionamento entre família e surdo. Para sistematizar as informações obtidas, procuramos selecionar os pontos relevantes, comparando-os com as respostas contidas nos questionários, nas observações registradas.

Nesta pesquisa, a estratégia metodológica aplicada e o material utilizado direcionaram o processo de análise e, sobretudo, nos possibilitaram apresentar determinados resultados e afirmações reflexivas, sobre a aquisição da Língua Brasileira de Sinais pela família do surdo.

2.1. Conhecendo a escola pesquisada

O Instituto Cearense de Educação de Surdos, é a única instituição pública de instância estadual do Ceará destinada exclusivamente ao atendimento da clientela surda. Foi fundado em 25 de março de 1961, com Decreto nº 4394-224/3/91, no governo Parsifal Barroso. Com 43 anos de existência, atende a 507 alunos distribuídos nas modalidades de educação infantil e ensino fundamental recebendo alunos surdos de 3 anos em diante. Funciona nos 3 turnos: manhã, tarde e noite. As turmas são compostas de no máximo 8 alunos, (Educação Infantil à 4ª série) e 13 alunos (5ª à 8ª séries). O currículo e a carga horária são os mesmos da escola de Ensino Regular adaptados às condições específicas do surdo, e atendendo às

peculiaridades da deficiência; nessa perspectiva, a duração das turmas é também adaptada. Sua sede possui salas de aula (térreo e primeiro andar), refeitório, quadra esportiva, pátio de lazer, secretaria, sala de professores, sala de vídeo, multi-meios, oficina de português e de artes, informática e estimulação precoce.

A escola conta ainda com serviços complementares: Estimulação Precoce, Serviço de Orientação Educacional (SOE), Serviço de Supervisão Escolar e Intérpretes que auxiliam os professores em sala de aula. Tem como meta principal o desenvolvimento da língua de sinais. Propõe-se a ser uma escola bilíngüe onde a Libras deve ser respeitada como a língua natural do surdo. Para tanto, seus profissionais estão sendo capacitados em língua de sinais para uma melhor interação e aprendizagem dos alunos.

O surdo poderá ingressar na escola em qualquer época do período letivo. Não é realizado processo seletivo. A seleção se dará com o aluno já em sala de aula em que, o professor avaliá-lo-á o nível de domínio da linguagem de sinais, que é o primeiro passo para o aprendizado dos conhecimentos científicos, devido o universo de alunos com esse tipo de deficiência ser bastante diversificado espacialmente, eles provêm das mais diversas regiões como bairros periféricos da grande Fortaleza e municípios vizinhos a Fortaleza como Pacatuba, Maracanaú, Maranguape, Caucaia dentre outros.

O processo de ensino-aprendizagem do aluno com esse tipo de necessidade especial dar-se-á em caráter permanente ou seja, não há um período ou fase onde o aluno tem que atingir uma meta de aprendizagem, como na educação dos ouvintes, mesmo porque é uma linguagem que sempre vai aprimorando-se, enriquecendo-se, ao longo do tempo. Após o aluno ser avaliado em seu nível de desenvolvimento de comunicação através de sinais, passa a conviver com outros alunos de mesmo nível de desempenho com essa linguagem. Trata-se de um processo mais demorado do que o processo de ensino-aprendizagem normal já que, além do aluno ter um mínimo domínio de comunicação, tem que acompanhar toda a grade de disciplinas destinada à cada série. Alunos filhos de pais também com surdez têm maior rendimento na escola porque já cresceram num ambiente, num mundo adaptado a eles, portanto, possuindo bastante domínio com a linguagem de sinais. A escola possui uma oficina de reforço em Língua Portuguesa, que é a disciplina que os alunos têm maior dificuldades na aprendizagem.

Ela conta hoje com 62 professores (11 contratos temporários), sendo que 80% pós-graduados e o restante em processo de pós-graduação. Antes o professor desta escola geralmente iniciava sua carreira docente sem nenhum conhecimento na

linguagem de sinais com exceção da última turma, professores aprovados do concurso público de 1998, que concluíram o curso em Libras, com 120 horas/aula, oferecido pelo MEC.

A avaliação de conhecimentos científicos é a mesma, sem nenhuma diferença, proposta a todas as escolas públicas, seguindo os mesmos critérios. A avaliação de desempenho de comunicação é feita somente quando no ingresso do aluno na escola, para que seja definido a sala de aula em que vai estudar.

A meta dos gestores educacionais é a integração dos alunos com necessidades especiais aos alunos de escola padrão, o que já acontece, por exemplo, no Instituto de Educação do Ceará, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Dourado e na Escola de Ensino Fundamental e Médio Renato Braga. Muitos alunos já com boa performance, são destinados a escolas indicadas a receberem alunos com necessidades especiais. O interessante é que o próprio aluno especial deseja integrar-se aos alunos ouvintes. Em suma, em nenhum aspecto, com exceção da linguagem, esta escola especial difere das outras escolas públicas.

A escola mantém convênio de qualificação e alocação de trabalho com empresas que procuram este órgão e vice-versa. Vale salientar que esta escola recebe também alunos com deficiência múltipla, o que interfere consideravelmente na aprendizagem dos mesmos para que estes também tenham o direito de aprender mesmo que tenham mais dificuldade que os demais.

É uma grande preocupação dos gestores da escola a questão da evasão escolar. Algumas causas dessa evasão podem ser atribuídas à frustração do aluno pela dificuldade de aprendizagem. Tal causa pode ser explicada pela grande distância que geralmente separa a residência do aluno da escola, a dificuldade dos pais por não entenderem a linguagem do filho também é um dificultador que acaba gerando a falta de acompanhamento do seu rendimento escolar.

A escola convive com uma situação financeira crítica. Os recursos repassados pelo Governo Estadual são insuficientes para cobrir todas as despesas, acarretando falta de merenda, de material escolar e materiais necessários à manutenção do prédio. Além disso, a maioria das crianças da Educação Infantil não recebem vale-transporte e não têm condições financeiras para arcar com as despesas de locomoção.

Serviços de atendimento à família do surdo

No ano de 2003, o Instituto Cearense de Educação de Surdos contava com duas salas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos turnos manhã e tarde. Este ano de 2004 conta apenas com uma turma à tarde.

A clientela atendida é constituída por mães de várias faixas etárias, de 18 à 60 anos, sendo que possuem níveis de escolaridade diferentes e um nível muito baixo de rendimento escolar, o que dificulta o trabalho do professor e a qualidade do ensino.

Ao se matricular na EJA as mães têm direito à carteira estudantil, o que reduz o gasto com transporte, já que a maioria dessas mães são provenientes de classe social desfavorecida, não tendo condições financeiras para arcar com tal despesa. Algumas dessas mães chegam a passar fome, de tão pobres.

A maioria dessas mães são separadas, têm até quatro filhos e não têm emprego fixo, sobrevivem com o Bolsa Família ou com ajuda de familiares e amigos. Algumas recebem vales-transportes, que além de insuficientes para ela e o filho, ainda são liberados com atraso pela Secretaria da Ação Social do Estado, acarretando ausência às aulas por até vários dias ou até meses, prejudicando assim a aprendizagem dos mesmos.

Algumas dessas mães vendem lanche na escola para garantir o transporte para que seus filhos não faltem às aulas.

Na sala da EJA, as mães são atendidas por estagiárias em psicologia. Este trabalho é voltado para a aceitação da surdez, ou da deficiência múltipla, como também para desenvolver a auto-estima das mesmas. Elas têm uma certa resistência a esse trabalho, porque algumas estagiárias não estão realmente procurando ajudá-las e sim apenas interessadas na conclusão do seu curso, por isso não fazem um trabalho eficiente e eficaz.

A escola conta com o Programa de Estimulação Precoce, o qual foi implantado em 2000 e tem como objetivos:

- Promover a socialização das crianças de 4 anos, alunos do ICES;
- Orientar os pais a aceitarem e trabalharem seus filhos;
- Trabalhar a coordenação motora ampla e fina das crianças;
- Melhorar possibilidades de comunicação das crianças;

- Preparar a criança para a aprendizagem sistemática.

A partir do ano de 2002 o atendimento foi aberto para as crianças da comunidade, com faixa etária de dois anos de idade. A clientela é constituída de deficientes auditivos (também deficiência múltipla) de classe social baixa, num total de 5 crianças.

A criança é atendida 2 ou 3 vezes por semana, individualmente e em dias alternados, pela pedagoga especialista em deficiência auditiva, que trabalha atividades voltadas para a área cognitiva, de comunicação e sensório-motriz.

No Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com surdez (CAS), funciona o setor de fonoaudiologia, que executa exercícios fonoarticulatórios a fim de possibilitar o controle de voz e a emissão de fonemas, o desenvolvimento da linguagem, bem como preparar a criança para demonstrar que recebeu algum estímulo sonoro. Algumas crianças são atendidas por fonoaudiólogos na Associação de Pais e Amigos do Deficiente Auditivo (APADA) para acelerar o processo de desenvolvimento da linguagem. Para realizar o exame audiométrico, os pais levam seus filhos na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), onde são atendidos gratuitamente, pois o CAS e a APADA não possuem os equipamentos necessários para realizá-lo.

O instrutor de Libras inicia o aprendizado da língua de sinais, considerada a língua materna do surdo. Após a incorporação deste profissional surdo no serviço, um dos objetivos primordiais do setor passou a ser: o domínio e conhecimento da Libras.

As crianças que chegam ao ICES com faixa etária inferior a 4 anos, geralmente tem sua surdez detectada pelos pais e ao procurarem o instituto suas famílias são encaminhadas aos Núcleos de Educação Especial, sediados em algumas escolas estaduais de Fortaleza, a fim de realizarem o diagnóstico da deficiência. Esse diagnóstico é realizado por uma equipe multidisciplinar de profissionais como: pedagogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos e assistentes sociais que avaliam a criança e orientam qual o tratamento e tipo de escola adequado para elas.

Após o parecer do diagnóstico, as crianças iniciam o atendimento no ICES e se necessário nos Núcleos. Os pais são orientados em como executar, com seus filhos, tarefas básicas do cotidiano e como promover a socialização e desenvolvimento das crianças, recebendo também um apoio para aceitarem a deficiência de seus filhos.

O acompanhamento da estimulação precoce se faz até a idade de 4 anos. Uma vez completada esta idade limite, as crianças passam para a educação infantil no próprio ICES, e permanecem com atendimento fonoaudiológico e o estudo de Libras com o instrutor.

Esse serviço de Estimulação Precoce está inserido no Projeto Político Pedagógico do instituto.

O Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), implantado este ano, oferece um trabalho de orientação psicológica à família, como também curso de Libras, e de computação.

Além destes serviços oferecidos na escola, a família pode contar com a Associação de Pais e Amigos do Deficiente Auditivo - (APADA), e a Federação Nacional de Educação e Integração de surdos (FENEIS) ambos localizados na Av. Bezerra de Menezes, nesta cidade, que oferecem total apoio à família.

APADA

A Associação de pais e Amigos do Deficiente Auditivo - APADA, fundada em 07 de abril de 1987, é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, considerada de utilidade pública estadual, Lei nº 11.519, de 20.12.88 e municipal, Lei nº 6.451, de 23.05.89. Com registro no Fichário Central de Obras Sociais do Ceará, sob o nº 5903S01074/88 e no Conselho Nacional de Assistência Social, com o nº 28977.010423/94 -82. Ela tem como objetivos a Educação e integração dos surdos. A clientela atendida são os Surdos e familiares.

Quanto às realizações, merece destaque especial a organização do Instituto Filippo Smaldone, escola especial para surdos. Realizou, em novembro de 1990, o IV Encontro Nacional de Associação de Pais e Amigos dos Surdos - IV ENPAS. Promoveu palestras, seminários, cursos profissionalizantes e participou de cursos e outras atividades promovidas por outras entidades. Junto com o SINE - IDT, tem realizado palestras, participado de discussões e atuado no mercado de trabalho, visando a colocação de surdos. Durante o ano letivo, tem prestado atendimento fonoaudiológico e terapêutico ocupacional aos surdos, realizado por estudantes da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, e supervisionado por técnicos especializados, através de trabalho voluntário. Realiza reuniões com familiares dos surdos que recebem atendimento; com pais e professores de surdos que freqüentam a rede regular de ensino; com professores e coordenadores das faculdades freqüentadas por surdos; com surdos inseridos no mercado de trabalho, visando orientá-los e

conscientizá-los da importância de: pontualidade, cumprimento de suas obrigações, companheirismo e respeito.

Mantém convênios com o Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, através do qual mantém vinte e quatro surdos, como higienizadores, nesse Tribunal e no Fórum Clóvis Beviláqua. Com a Secretaria de Cultura e Desportos do Estado do Ceará, na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, onde doze surdos, durante seis meses, participam do processo de higienização e conservação de livros e documentos, o que os capacitam para a função de higienizadores. Com duração de seis meses, foi realizado convênio entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID e a Biblioteca Pública Menezes Pimentel, para a realização do Projeto “Preservando o Saber” (480 h/aula). O referido projeto contou com o apoio da APADA, que selecionou os vinte surdos participantes, e acompanhou todo seu desenvolvimento. Durante todo o curso foram ministradas aulas práticas e teóricas. Foi conferido certificado.

A APADA é constituída por um quadro de associados, Conselho Diretor e Conselho Fiscal. Os conselhos são formados por pais de surdos que prestam serviços voluntários, sem remuneração. Conta, a APADA com os serviços de uma secretária, contratada para esse fim e de um grupo de voluntários, que participam dos grupos de atendimento. Todos os interessados podem fazer parte do quadro de associados.

Destacamos a presença do intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras), em todas as nossas realizações.

As principais dificuldades da APADA, é a escassez dos recursos financeiros e a falta de engajamento da família à causa da surdez.

2.2. A aquisição da Libras pela família do surdo no Instituto Cearense de Educação de Surdos

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), é a língua oficial da Comunidade Surda Brasileira, largamente utilizada pelos Surdos, por ser a forma mais eficaz, objetiva e clara de poderem se comunicar. Esta língua até hoje vem sendo aceita gradativamente por profissionais, pais e pela sociedade de um modo geral.

Ela somente passou a ser ensinada nesta escola em outubro de 1999, antes usava-se a metodologia oralista.

As mães têm aula de Libras com duração de duas horas, uma vez por semana na sala da EJA no turno da tarde.

Para elas são vários os motivos que dificultam o aprendizado da Língua de Sinais, tais como: baixa frequência as aulas, falta de: memória, prática, dinheiro, tempo; desmotivação, indisposição, baixo nível de escolaridade e também pouco tempo de aula.

O Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), implantado este ano, oferece cursos de Libras para a comunidade de graça, nos turnos manhã, tarde e noite. O curso é custeado pela Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará, que repassa à Associação de Pais e Amigos do Deficiente Auditivo (APADA), o salário dos professores surdos e dos intérpretes. No entanto, as mães que estão matriculadas na EJA, não podem fazer o curso em outro turno, porque moram longe, a não ser que sejam dispensadas da aula.

Apesar disso, nota-se que houve um pequeno crescimento de mães e familiares de surdos nos cursos de Libras.

A Feneis vem lutando durante os seus dezesseis anos de existência em divulgar a Libras pelo Brasil, destacando a sua importância no desenvolvimento cognitivo da criança surda que auxiliará positivamente na formação do surdo adulto. Este trabalho tem sido feito através de semanários, encontros, projetos e cursos.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua materna dos surdos brasileiros e, como tal, poderá ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com essa comunidade. Como língua, esta é composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática semântica, pragmática sintaxe e outros elementos, preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerada instrumental lingüístico de poder e força. Possui todos os elementos classificatórios identificáveis de uma língua e demanda de prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua. Foi na década de 60 que as línguas de sinais foram estudadas e analisadas, passando então a ocupar um status de língua.

É uma língua viva e autônoma, reconhecida pela lingüística. Pesquisas com filhos surdos de pais surdos estabelecem que a aquisição precoce da Língua de Sinais dentro do lar é um benefício e que esta aquisição contribui para o aprendizado da língua oral como segunda língua para os surdos.

Os estudos em indivíduos surdos demonstram que a Língua de Sinais apresenta uma organização neural semelhante à língua oral, ou seja, que esta se organiza no cérebro da mesma maneira que as línguas faladas.

A Língua de Sinais apresenta, por ser uma língua, um período crítico precoce para sua aquisição, considerando-se que a forma de comunicação natural é aquela para a qual o sujeito está mais bem preparado, levando-se em conta a noção de conforto estabelecido diante de qualquer tipo de aquisição na tenra idade.

Como todo aprendizado de língua, o envolvimento com a cultura e os usuários é importantíssimo, portanto não basta fazer o curso, é preciso também buscar um convívio com os surdos para poder interagir em Libras e, conseqüentemente, ter um melhor desempenho lingüístico. Então, os pais devem juntamente com seu filho, freqüentar a Associação de Pais e Amigos dos deficientes Auditivos (APADA) e a Associação de Surdos do Ceará (ASCE) e participar efetivamente dos eventos culturais, buscando interagir sempre com a Comunidade Surda, aprendendo sua língua e sua cultura.

2.3. Analisando os resultados da aquisição da Libras pela família do surdo

De acordo com os dados coletados 29 mães sobrevivem com um salário mínimo ou menos e apenas duas, com mais de um.

Em relação ao grau de instrução 5 mães não têm escolarização, 5 têm Ensino Fundamental Completo e 21 têm Ensino Fundamental Incompleto.

Todas consideram a Libras importante para facilitar a comunicação entre surdo-surdo e surdo-ouvinte, no entanto, elas reconhecem que têm muita dificuldade para aprendê-la, porque exige muita atenção, saber ler e escrever e memorização.

Algumas mães alegaram falta de tempo e dinheiro para aprender Libras, no entanto, a escola e o CAS oferecem gratuitamente o curso. Isso mostra um certo grau de desinformação e desmotivação por parte da família no que se refere a aquisição dessa língua.

De 31 mães, apenas 5 sabem mais ou menos se comunicar em Libras com seu filho, o restante utiliza a leitura labial, mímica, fala alto ou escreve.

De acordo com a pesquisa, dificilmente há um entendimento dialógico satisfatório entre mãe e filho, mesmo assim raramente recorrem a um intérprete quando necessário.

A maioria das mães não têm paciência com seu filho surdo, principalmente na fase da adolescência, onde o jovem mais precisa do apoio da família, não são raros os casos de surdos que têm depressão e recorrem a um psicólogo. Muitas vezes também, são as mães que passam por fases depressivas e precisam de orientação e apoio psicológico.

De acordo com a entrevista com alunos e professores surdos fica evidente que todos preferem se comunicar na sua língua natural que é a Libras, no entanto suas famílias sabem pouco ou nada dessa língua. Na maioria das vezes isso ocorre por falta de interesse da família em aprendê-la.

Em alguns casos, uma pessoa da família faz o curso de Libras objetivando facilitar a comunicação entre surdo e ouvinte em casa, já que utilizam a leitura labial, o que na maioria das vezes não resulta em um diálogo satisfatório. Por isso, eles preferem estar na escola ou na associação, onde tem contato com outros surdos, do que ficar em casa e não ter com quem conversar. Geralmente eles recorrem a um intérprete para se comunicar com o ouvinte, e nem sempre tem um disponível no momento.

Para os professores e alunos surdos a Libras facilita sua comunicação com outros surdos e com os ouvintes, sendo que eles a aprendem com muita facilidade.

Apesar de terem aprendido esta língua tardiamente, eles se comunicam muito bem e a consideram fundamental para vencer a barreira do silêncio.

Para eles, o que mais impede a família de aprender Libras, é o preconceito, fruto da ignorância e do egoísmo da nossa sociedade, que teima em discriminar os considerados “diferentes”.

CONCLUSÕES/SUGESTÕES

A pesquisa mostrou que há um gigantesco abismo no produto do diálogo da família ouvinte com seu filho surdo. Isso ocorre apenas quando a família permanece inerte à participação da causa surda, que consiste a grande maioria dos casos. Ora, qualquer desenvolvimento a ser almejado requer uma estrutura por mais simples que seja, porém, forte o suficiente para alavancar todo o processo. E é a falta ou a fragilidade dessa estrutura que causa o grande retrocesso no caminhar do surdo para a vida.

A família é o alicerce e a estrutura ao desenvolvimento do surdo. O apoio educacional, emocional e afetivo é tudo que o surdo deseja de sua família principalmente quando criança ou adolescente. Não são raros os casos em que o surdo conquista uma vida escolar e profissional com absoluto êxito. E quem lhe deu a mão? O que e quem estava por trás desse sucesso?

Concluimos que a aquisição da Libras pela família do surdo é fundamental para a efetivação do diálogo entre ambos e para facilitar a integração deles na sociedade. Para isso, é necessário que a família tenha acesso a essa língua, não apenas um dia por semana, mas todos os dias, inclusive aos sábados e domingos participando dos eventos culturais na associação.

O grande desafio consiste no sucesso do diálogo família-surdo. Não há outro caminho sem que a família esteja consumida na causa surda. Mas parece que ela apenas ouve e não escuta o próprio coração. Deve ser uma unidade para entrega absoluta no sacrifício ao filho surdo.

Constata-se, indiferentemente ao poder aquisitivo da família, um acentuado preconceito com o surdo, consequência da ignorância em relação a causa surda e

sobre a má influência da sociedade em discriminar certos grupos considerados “diferentes”.

De acordo com pesquisas, 90% dos surdos preferem se comunicar através da Língua Brasileira de Sinais (Libras), mas infelizmente percebe-se um certo grau de desinformação e desmotivação por parte da família em relação a importância da aquisição desta língua.

A família utiliza-se de várias formas de comunicação com o filho surdo e isto não contribui para sua formação lingüística, ao contrário a dificulta, uma vez que a criança recebe uma avalanche de informações diversificadas, dificultando o seu processo de aquisição formal da linguagem.

Temos que levar em conta também que a língua de sinais só foi oficializada em 2002 e o acesso à ela ainda é muito restrito. Apesar desta língua ser oferecida gratuitamente, vários fatores contribuem para que a família não tenha acesso à ela, como por exemplo a falta de: conscientização, interesse, tempo, disposição, motivação, dinheiro para o transporte, entre outros.

A aquisição da língua de sinais sugere ao aluno muita atenção, interesse e motivação e deve ser praticada no dia-a-dia, conversando com os surdos, pedindo ajuda da intérprete ou de pessoas que a domine, o que evita o esquecimento do que já foi aprendido e amplia ainda mais o domínio da mesma.

Nota-se que um dos maiores problemas do surdo não é a surdez em si, mas, é o preconceito existente na sua própria família. Apesar disso, o nível de aceitação da surdez pela família melhorou muito, pois no passado, o surdo vivia como um estranho na sua própria casa.

Cabe à sociedade promover campanhas educativas e de conscientização, através dos meios de comunicação de massa, para que as pessoas passem a respeitar e valorizar as pessoas especiais, aprendendo como conversar com elas e como ajudá-las.

Observou-se que a maioria das mães matriculam-se na sala da EJA com a intenção do acesso à carteira estudantil e na ociosidade pela espera de seus filhos, já que a conclusão dos estudos não é o objetivo final de todas.

Faz-se necessário que haja um maior fortalecimento na relação escola-família para garantir uma melhor integração do surdo, como também seu êxito escolar.

A família deve se integrar o mais cedo possível na comunidade surda para que a criança aprenda a valorizar a sua língua e a sua cultura, conscientizando-se do seu papel como sujeito ativo e transformador de sua realidade, lutando pela conquista de seus direitos como cidadão.

Não podemos negar a coragem e o infinito amor dessas mães para com seus filhos ao fazer o sacrifício de trazê-los à escola, apesar da longa distância, da luta diária pela sobrevivência e do sofrimento estampado em seus rostos.

No decorrer da elaboração desta monografia, refletimos sobre a importância da aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela família do surdo e esperamos ter contribuído para uma melhor compreensão sobre a comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos.

Desejamos que as reflexões e debates iniciados, neste trabalho, sejam continuados por outros pesquisadores.

Como uma possível contribuição sugerimos que a escola passe a dar uma maior atenção as mães, ajudando-as a levantar sua auto-estima, criando oficinas para que elas aprendam um ofício e tenham de que viver, dando-lhes total apoio psicológico-afetivo e uma maior orientação sobre a surdez e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), dando-lhes maior acesso a mesma. Para isso, é fundamental que a família seja considerada parceira da escola, participando ativamente da vida escolar de seu filho.

Faz-se necessário também uma tomada de consciência por parte dos profissionais da Educação Especial, no sentido de oferecer a família o atendimento e o apoio que ela merece. Para isso, a humildade, o respeito, a responsabilidade e o amor ao próximo é o que não devem faltar no currículo destes profissionais.

A nós eleitores, cabe o dever de votar em políticos que estejam realmente comprometidos com a causa dos deficientes, destinando mais verbas para as escolas, dando boas condições de trabalho aos profissionais da Educação Especial e criando o passe-livre para os portadores de deficiência e seus acompanhantes.

ALEXANDRINO, C. Manuel. **Metodologia do trabalho científico**. Curso de Especialização em Educação Especial. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Fortaleza, 2004.

BARROS, Alex Curione. **Aquisição da Língua de Sinais como Primeira Língua: Direitos dos Surdos**. Revista FENEIS, ano II, n 08; pág. 14 e 15; outubro/dezembro 2000.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo, Harbra, 1984.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia. **Absurdo ou lógica?: a produção lingüística do surdo**. Belo Horizonte: Editora Profetizando Vida, 2000.

BIDDULPH, Steve. **Às vezes é preciso curar os pais**. Revista Veja, Editora Abril, 2004.

Brasil. Secretaria de Educação Especial. **Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial: área de deficiência auditiva/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Especial**. - Brasília: MEC / SEESP, 1995. P.75 (Série Diretrizes; 6)

CALDEIRA, José Carlos Lassi. **Programa Comunicar/ José Carlos Lassi Caldeira...** [et al.] Belo Horizonte: Clínica-Escola Fono, 1998, BRASIL, MEC. 5v.

CEARÁ, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Política estadual de educação especial: integração com responsabilidade**. / Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará, Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico-Pedagógico, Núcleo de Desenvolvimento Curricular, Célula de Educação Especial. Fortaleza: SEDUC, 1997.

CHAVES, Ernando Pinheiro. **Diagnóstico e Intervenções nos Distúrbios da Audição**. Curso de Especialização em Educação Especial. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Fortaleza, 2004.

COSTA, Maria Stela Oliveira. **Meu filho é deficiente: o que isso significa?** Jornal O POVO. Ano XIX nº 503, 25 de agosto de 2002.

DINIZ, Debora. **Autonomia Reprodutiva e Justiça:** um estudo sobre a surdez. Seminário Nacional do INES. Rio de Janeiro, 2001.

DINIZ, Heloise Gripp. **Diversidade na família.** Seminário Nacional do INES. Rio de Janeiro, 2001.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto:** curso básico livro do estudante: cursista / Tanya A. Felipe. - Recife: EDUPE, 2002.

FONSECA, Vitor da. **Pais e filhos em interação:** aprendizagem mediatizada no contexto familiar/ Vitor da Fonseca. - São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

FORMIGONI, Maria Cecília Leal Giralde de. **A surdez na visão familiar.** Deric - PVC - SP. Revista da FENEIS, 2002 ANO III nº 18 p. 13-14.

GRANNIER, Daniele Marcelle. **Português por escrito para usuários de Libras.** Revista integração. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília. Ano14 nº 24, p.49-51, 2002.

LACERDA, C. B. F. **Os processos dialógicos entre aluno surdo e educador ouvinte:** examinando a construção de conhecimentos. Unicamp. Tese de Doutorado 1996.

LUFT, Lya. **Ponto de vista sobre pais e filhos.** Revista Veja, Editora Abril, ano 37- nº 24, São Paulo, junho 2004, p. 21.

MALDONADO, Maria Tereza. **Comunicação entre Pais e Filhos** - A linguagem do sentir. Vozes, Petrópolis, 1991.

MARTINS, Ângela. **Papel da escola, família e sociedade.** Curso de Educação Especial. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Fortaleza, 2004.

MOURA, Maria Cecília. Surdo: **caminhos para uma nova identidade.** Ed. Revinter, 2000.

PIMENTA, Nelson. **Oficina - Palestra de Cultura e Diversidade.** Seminário Nacional do INES. Rio de Janeiro, 2001.

PINTO. Soraya Eli Lyra. **Intervenção Precoce**. Curso de Educação Especial. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Fortaleza, 2004.

Seminário: **Desafios para o Próximo Milênio**. INES. Divisão de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro, 2000.

Seminário: **Surdez: Diversidade Social**. INES. Divisão de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro, 2001.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** . 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SHAKESPEARE, Rosemary. **Psicologia do deficiente**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

SOUZA. Deyse Campos. **Psicomotricidade, corporeidade e educação especial**. Curso de Educação Especial. Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Fortaleza, 2004.

SKLIAR, Carlos. **La educación de los sordos**. Una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica. Mendoza: Editora Universal de Cuyo, Serie Manuales, 1997.

STELLING, Esmeralda Peçanha. **Surdez diversidade social: a diversidade na família**. INES, Divisão de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro, 2001.

ZAKABI, Rosana. **10 regras fáceis para educar seus anjinhos**. Revista Veja, Ed. Abril ano 37- n 29, São Paulo, julho 2004, p. 70- 77.

Projeto Surdez: Educação, Saúde e trabalho pág. da Internet: www2.uerj.br/~surdez
Fonte: Agência UERS de Notícias da Faculdade de Comunicação Social.

E.Mail - CURIONE, Alex. Publicação eletrônica [mensagem pessoal] mensagem recebida por faustalima@bol.com.br em 16 de julho de 2004.

O texto exibido é muito longo! br/ ines livros/ SUMARIO.

HTM

acesso em 16 de julho de 2004

Banco de Dados - SEDUC/MS: banco de dados

Disponível em <http://www.educar.ms.gov>

acesso em 17 de julho de 2004

Banco de Dados - FENEIS: banco de dados

Disponível em <http://www.feneis.com.br>

acesso em 20 de julho de 2004

Banco de Dados - FENEIS: banco de dados

Disponível em Http://www.feneis.org.br_Alex_Curione.htm

acesso em 20 de julho de 2004

Banco de Dados - OLIVEIRA, D: banco de dados

Disponível em <http://www.dfjug.org>

acesso em 02 de agosto de 2004

Banco de Dados - SCHUYLER, J: banco de dados

Disponível em <http://www.infosurdos.hpg.com.br>

acesso em 08 de setembro de 2004

ANEXOS

ANEXO

A

APRESENTAÇÃO DA MONOGRAFIA

Meu nome é Fausta, tenho surdez moderada. Sou formada em Pedagogia (UECE), pós-graduada em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio (UVA). E em 1997 passei no concurso estadual para professor. Atualmente ensino o pré-I no ICES, por isso, este ano estou finalizando a Educação Especial (UVA) que muito tem contribuído para ampliar meus conhecimentos sobre a surdez e a Libras.

Meu tema é “A aquisição da Libras pela família do Surdo”. Escolhi este tema porque no ano de 2003, ensinava as mães ouvintes dos alunos surdos no ICES e no dia-a-dia, percebi a grande dificuldade de comunicação entre eles, já que ambos falam línguas diferentes.

Antes de chegar no ICES, desconhecia totalmente a Libras, passei a assistir as aulas na sala das mães, fiz o básico I e logo percebi sua importância para a comunicação entre os Surdos-Surdos e Surdos-ouvintes.

Então, comecei a conscientizar as mães sobre a importância da Libras para facilitar o diálogo com seus filhos. Percebi uma certa resistência por parte delas em aprender esta língua, por isso resolvi pesquisar o porquê dessa resistência.

Concluí, que são muitos os fatores que dificultam a aprendizagem da Libras pela família do Surdo. São eles: O preconceito (não aceitação da surdez), falta de conscientização e informação, desmotivação, indisposição, falta de tempo e dinheiro, e também pouco tempo de aula.

O preconceito ainda existe, tanto nas famílias ricas como nas desfavorecidas de nossa sociedade.

Cabe a nós como profissionais da Educação Especial conscientizar a família do Surdo sobre a importância da Libras para a efetivação do diálogo entre eles.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO DAS MÃES

Nome: _____ Idade: _____

Bairro: _____ Naturalidade _____

Renda familiar:

() um salário-mínimo () dois salários-mínimos () mais de três salários-mínimos

Grau de Instrução:

() Sem escolarização () Ens. Fundamental Incompleto
() Ens. Fundamental Completo () Ens. Médio Incompleto
() Ens. Médio Completo () Ens. Superior

1. O que você entende por Libras? **Responda no verso desta folha**
2. Quanto ao grau de dificuldade, você acha que a Libras é
() fácil () difícil () regular
3. Porque é importante você ter pelo menos um certo domínio de Libras?
Responda no verso
4. Hoje você acha que sabe () muito () pouco () nada de Libras ?
5. Qual a sua maior dificuldade em aprender Libras?
() aprende mas esquece () falta de oportunidade () pouco tempo de aula
() cansaço, indisposição, estresse () outra _____
6. Como você se comunica com o seu filho(a)?
() leitura labial () Libras () mímica () falando alto () escreve
7. Entre você e o surdo há um entendimento dialógico satisfatório ?
() sim () não () sim, mas precisa melhorar () nem sempre
8. Você recorre a um intérprete para se comunicar com o surdo?
() sempre () às vezes () dificilmente

9. O que dificulta o seu acesso a um curso de Libras?
 falta de tempo falta de dinheiro desmotivação falta de informação
10. Que tipo de apoio a escola oferece para a aquisição da Libras?
 cursos aulas orientação psicológica dar pouco apoio
11. Além da surdez qual outra deficiência o seu filho(a) possui ?
 nenhuma mental visual motora física
12. Você é paciente com o seu filho(a) surdo(a)? sim não às vezes
13. Seu relacionamento com o surdo(a) é: ótimo bom regular ruim

ANEXO II

ENTREVISTA: ALUNOS E PROFESSORES SURDOS

Nome: _____

Bairro: _____

Naturalidade: _____

Faixa etária:

15 à 25 25 à 35 35 à 45 45 à 55

Renda familiar:

um salário-mínimo dois salários-mínimos mais de três salários-mínimos

Grau de Instrução:

Ens. Fundamental Incompleto Ens. Médio Incompleto
 Ens. Fundamental Completo Ens. Superior
 Ens. Médio Completo

1. Sua surdez é leve, moderada ou profunda?
2. Com quantos anos você aprendeu Libras?
3. Como seus pais se comunicava com você quando criança? E hoje?
4. Você prefere se comunicar na forma oral ou em Libras? Por quê?
5. Quanto ao grau de dificuldade, você acha que a Libras é:

fácil difícil regular

6. Hoje você acha que sabe: muito pouco nada de Libras ?

7. Qual a sua maior dificuldade em aprender Libras?

aprende mas esquece falta de oportunidade pouco tempo de aula
 cansaço, indisposição, estresse outra _____

8. Como você se comunica com a sua família?

leitura labial Libras mímica oral escreve

9. Entre você e o ouvinte há um entendimento dialógico satisfatório ?

sim não sim, mas precisa melhorar nem sempre

10. Você recorre a um intérprete para se comunicar com o ouvinte?

sempre às vezes dificilmente nunca

11. O que dificulta o seu acesso a um curso de Libras?

falta de tempo falta de dinheiro desmotivação falta de informação

12. Que tipo de apoio a escola oferece para a aquisição da Libras?

cursos aulas orientação psicológica dar pouco apoio

13. Além da surdez qual outra deficiência você possui ?

nenhuma mental visual motora física

14. Você é paciente com o sua família? sim não às vezes

15. Seu relacionamento com a sua família é:

ótimo bom regular ruim

